



A Lenda da Serpente de Água

Povo Hñähñu - México

A cerca de trezentos anos atrás, vivia na montanha chamada *R'anxu*, no limite norte do vale *Mezquital*, uma enorme serpente. Um dia a serpente foi avistada por algumas pessoas que visitavam o topo da montanha. Naqueles anos chovia muito e tudo o que o povo plantava milho, feijão, abóbora, batata, pêssegos e frutas produzia abundantes colheitas.

As primeiras pessoas que descobriram a serpente eram, provavelmente, caçadores. A imensa cobra estava ali na floresta e ninguém sabia de onde ela vinha.

As primeiras pessoas que a viram contaram para outras pessoas e um dia um grande grupo se reuniu para escalar a montanha, a procura de onde a cobra estava. Ao chegarem onde ela estava perceberam que deviam a ela a alta produtividade de suas terras. Ninguém sabe como chegaram a esta conclusão, mas nunca tinham visto uma cobra tão grande.

Decidiram a partir daquele dia trazer para a serpente as primeiras coisas que colhiam: abóboras, feijão verde, verduras, chuchus, flores e frutos. Juntaram tudo em um cesto grande e levaram até ela. Algumas pessoas do grupo estavam acompanhadas de seus filhos. Quando as pessoas viram a serpente, deram-se conta de como ela era enorme, enrolada em seu corpo parecia um grande touro deitado.

‘Agora que vamos trazer oferendas para ela, espero que ela não nos veja ou fique com raiva e nos ataque. É bom termos crianças conosco, mas esperamos que as crianças não fiquem com medo e que a cobra não os

ataque.’

O grupo tomou o caminho da montanha e quando chegaram na parte mais fechada da mata onde sabiam que a serpente tinha sido vista começaram a andar mais devagar. Eles não queriam assustá-la e deixá-la com raiva, provocando um ataque.

Eles sabiam que estavam perto de onde a cobra havia sido vista antes, enrolada perto do topo da montanha de *R'anxu*. Então, pararam e decidiram que daquele ponto em diante, apenas as crianças carregariam o que elas haviam colhido para perto de *K'enthe*, a serpente da água. As crianças foram, deixaram a oferta de comida e voltaram em segurança. A cobra gostou do presente e nada fez as crianças.

Três dias depois, algumas pessoas voltaram para ver se a cobra havia comido tudo que ofertaram e se tinha sobrado alguma coisa. Eles não encontraram nada, apenas o cesto vazio.

Trouxeram o cesto de volta para usá-lo novamente nas oferendas de alimentos como já haviam feito: milho, abóbora, batata e chuchu, quando fossem colhidos e muitas outras frutas e verduras que eram abundantes naquela época. Algumas vezes, quando levavam a oferenda de comida, viam a serpente, mas não era sempre.

Quando não a encontravam, simplesmente deixavam o cesto no lugar onde a tinham visto enrolada pela última vez, mas quando voltavam para pegar o cesto, sempre o encontravam no primeiro lugar onde o deixaram pela primeira vez.

Durante muitos anos eles alimentaram a Serpente da água, *K'enthe*. Pessoas de outros lugares tinham ouvido falar sobre aquela montanha e sua serpente e vieram ver se era verdade o que tinham contado sobre a enorme cobra que vivia na montanha *R'anxu*.

A notícia chegou aos ouvidos de alguns xamãs que falavam *náhuatl* (a língua dos astecas) do norte da *Tierra Caliente*. Assim é conhecido o lugar de onde vieram estas pessoas, próximo a uma montanha chamada de *Cerro del Toro* (Montanha do Touro).

Um dia estes xamãs vieram a procura da cobra. Eles foram informados de que ela vivia no topo da montanha *R'anxu*. Quando a encontraram, ficaram muito felizes, reconhecendo nela uma serpente da fertilidade.

Como xamãs *náhuatl*, eles sabiam que as chuvas seguiam esta cobra e o local onde ela vivia tinha sempre boas colheitas e vegetação abundante. Decidiram assim que voltariam outro dia e levariam aquela cobra com eles.

Eles voltaram para sua comunidade e informaram a seu povo que a serpente da fertilidade realmente existia. Como se sabe, esses xamãs eram muito inteligentes. Eles se encontraram e planejaram cuidadosamente como poderiam levar *K'enthe* para sua própria comunidade.

Dizem que levaram um ano até que eles realizassem seu plano. Os xamãs mais inteligentes se reuniram para levar a serpente embora. É por isso que ninguém percebeu como eles fizeram isto.

Dizem que os xamãs juntaram um pouco de terra onde a cobra estava enrolada. Depois que eles pegaram a terra, de repente começou a cair uma tempestade. E, de repente, um raio caiu bem perto de onde a cobra estava enrolada.

A enorme cobra se assustou, se esticou ao máximo e começou a subir em direção a uma nuvem negra junto com aqueles xamãs que vieram para levá-la embora. A nuvem começou a mover-se para o norte, com aquela cobra enorme lutando dentro dela, tentando permanecer em sua montanha. Mas não havia nada que ela pudesse fazer e a nuvem a levou embora.

A nuvem passou sobre o *Cerro de la Cruz*. Lá os xamãs jogaram dois punhados de terra que haviam tirado de onde encontraram a cobra. A nuvem continuou direto para o norte, sem parar a chuva torrencial, com raios e trovões. Então chegou a um vale entre duas cordilheiras chamado *Puerto Oscuro*. Também ali deixaram cair mais dois punhados de terra. Mas desta vez a nuvem voltou-se para o leste e foi direto para o *Cerro del Toro*. Dizem que é a montanha onde esses xamãs desceram.

Neste momento parou de chover e a nuvem começou a se dispersar sobre a montanha. Os xamãs pegaram o resto de terra que trouxeram da montanha onde sequestraram a serpente de água, que agora chamam de serpentes da fertilidade, a moldaram no chão em forma de cruz. Com isso a cobra não conseguiu retornar ao seu local de origem. Foi assim que ela

passou a viver em *Cerro del Toro* com o povo desta região e seus poderosos xamãs.

Sabe-se que os dois lugares onde caíram os dois punhados de terra, começaram a ter melhores colheitas. Passados muitos anos, tudo que lá se planta cresce em abundância e há grande variedade de vegetação, nas terras abençoadas com a fertilidade da serpente. Isso ocorre por conta das chuvas frequentes atribuídas a *K'enthe*. E agora na área da montanha *R'anxu*, onde a serpente de água vivia, chove menos e as colheitas diminuíram. Colheitas fartas são raras. Também diminuiu a variedade de vegetação nativa que existia antes da serpente ser sequestrada. Mas no lugar para onde a serpente foi levada, as colheitas são ricas e fartas.

O único sinal deixado para os habitantes da área da montanha *R'anxu* da serpente de água é o relâmpago que é visto a noite na direção do *Cerro del Toro* ou quando o leve som do trovão chamado 'temblor de agua' (tremor de água) é ouvido de tarde, quando caem as leves chuvas que ainda ocorrem no verão e no outono. □

História contada por Leonardo Antonio e transcrita por Jorge Antonio (2007).

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA. 

Comentários

Os *Hñähñus*, a quem os povos *Nahua* – os povos de língua *Nahuatl* – chamavam de '*Otomí*' (Cortés Rivera, 2007), são o quinto maior povo indígena do México, com uma população de cerca de 700.000 habitantes.

Estudos arqueológicos e históricos sugerem que os *Hñähñus* habitavam as terras altas do centro do México já por volta de 4.000 AC. No entanto, alguns autores acham provável que eles estivessem na área do Eixo Vulcânico Transversal do México já a partir do oitavo milênio AC (Pueblo Otomí, 2022). Hoje, a maioria das pessoas de origem *Hñähñu* vive nos estados mexicanos de Hidalgo, México e Querétaro.

Desde tempos remotos, estes povos habitaram a zona onde se ergue o

fabuloso complexo de *Teotihuacan*, o que levou alguns investigadores a suspeitar que os *Hñāhñu* possam ter sido os fundadores, ou pelo menos uma parte importante, e possivelmente os construtores, desta monumental cidade multiétnica que floresceu entre os séculos II e VII DC. Eles também estão associados à construção, entre os séculos IX e XI CC, de outra importante cidade da região: a cidade tolteca de Tula.

No entanto, é a queda de Teotihuacán que talvez tenha tido o maior impacto no futuro do povo *Hñāhñu*, visto que, pouco depois, grandes grupos de *Nahua* começaram a chegar ao centro do México, deslocando os *Hñāhñu* de suas áreas de assentamento estabelecidas.

Embora a 'Lenda da Serpente de Água' pareça situar a história entre os séculos XVII e XVIII, talvez possamos ver nela os resquícios de tensões seculares que existiram entre os povos *Hñāhñu* e *Nahua*. Isso na medida em que vemos que os *Hñāhñu* culpavam os *Nahua* pelo roubo da serpente e, com ela, a perda da fertilidade e abundância em suas terras.

A verdade é que, por muito tempo, existiu a crença de que o Povo *Hñāhñu* era um povo marginalizado. Além disso, eles foram vistos como um povo explorado por outros povos que conviveram com eles principalmente pelos *Nahuas* e, posteriormente, pelos espanhóis. Mas, talvez este último seja o único fato verdadeiro, dados os danos perpetrados aos povos nativos durante a colonização da América pelas nações europeias. De fato, López Aguilar (2010) comenta que:

Parece que o processo de desqualificação e o olhar de desprezo [ao povo *Hñāhñu*] começaram com a conquista espanhola. Isso destacou o fato de que seu estado miserável fazia parte de ideias liberais, modernizadoras e muito tardias para a narrativa documental. É possivelmente um dos mitos fundadores da Revolução Mexicana. (pág. 170)

Isso aponta para o fato de que, independentemente da situação dos *Hñāhñu* antes da 'chegada dos castelhanos' por volta de 1520 – como diz o *Codex Chimalpopoca* (ibid.) – o que parece bastante certo é que, com a colonização espanhola, o Povo *Hñāhñu* entrou em declínio, resultando em pobreza e marginalização. Sabe-se que a população *Hñāhñu* foi dizimada por migrações permitidas, ou diretamente forçadas, pelos espanhóis em muitos lugares, e também por epidemias

trazidas pelos espanhóis durante a invasão (Moreno, Garrett e Fierro, 2006).

Finalmente, é importante notar a perda de cultura e tradições que a população *Hñähñu* sofreu como resultado da introdução do cristianismo. Deve-se destacar também que os *Hñähñus* se adaptaram, até certo ponto, a essa imposição religiosa. No entanto, antigas tradições sagradas, longe da vista dos frades franciscanos e agostinianos, continuaram a ser praticadas. Como explica Moreno et al. (2006, p. 9):

“Embora praticassem publicamente o cristianismo, as crenças em torno das forças da natureza e suas representações permaneceram vivas. Com o tempo, formou-se uma religiosidade sincrética, tomando elementos de ambas as visões de mundo e resultando em uma espécie de catolicismo indígena mesoamericano.”

Mais uma vez, encontramos um forte componente animista, ecológico, espiritual, muito comum entre as culturas nativas de todo o planeta. Esta é uma forma de espiritualidade que as chamadas nações europeias "civilizadas" se encarregaram de extirpar em todos os lugares, a fim de substituí-la pela visão de mundo antropocêntrica judaico-cristã. Isso apesar das tentativas de Francisco de Assis, no século 13, de trazer um encontro amoroso com a natureza.

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão ao Dr. Richard Ramsay, Dra. Verónica Kugel e Érik Abraham Ávalos Ángeles membros do *Hmunts'a Hem'i - Documentation and Advisory Hñähñu Centre*, por sua generosidade em compartilhar com o mundo esta lenda do Povo *Hñähñu* do Vale do *Mezquital*.

Fontes

Antonio, L. & Ramsay, R. (2007). *¡Mänga ya b'ede! - ¡Cuenta las historias! – Tell the stories!* Hidalgo, México: Hmunts'a Hem'i Centro de Documentación y Asesoría Hñähñu.

Cortés Rivera, D. (2007). *Historia y tradición oral en la construcción de la identidad Hñähñu: la telesecundaria de El Alberto, Ixmiquilpan, Hidalgo* [History and Oral Tradition in the Construction of the Hñähñu Identity: The

Telesecondary of El Alberto, Ixmiquilpan, Hidalgo (Tesis doctoral).
Universidad Autónoma Metropolitana, Mexico D. F.

López Aguilar, F. (2010). De la identidad a la inestabilidad: Reflexiones sobre el hñahñu prehispánico [From Identity to Instability: Reflections on the Pre-Hispanic Hñahñu]. In Moragas, M. & Morales, M. A. (coord.), *Estudios de antropología e historia: Arqueología y patrimonio en el estado de Hidalgo*, pp. 145-174. Hidalgo, Mexico: Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo.

Moreno Alcántara, B.; Garret Rios, M. G. & Fierro Alonso, U. (2006). *Otomíes del Valle del Mezquital [Otomi of the Mezquital Valley]*. Mexico D.F.: Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas de México.

Pueblo otomí (2022 Sep. 29). In *Wikipedia*,
https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Pueblo_otom%C3%AD&oldid=146257872#cite_ref-7

Texto associado à Carta da Terra

Princípio 5e: Gerir o uso de recursos renováveis, como água, solo, produtos florestais e vida marinha, de forma a não exceder as taxas de regeneração e a proteger a sanidade dos ecossistemas.

Outras passagens que esta história ilustra

Preâmbulo: Terra, Nosso Lar.- A capacidade de recuperação da comunidade de vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável juntamente todos os seus sistemas ecológicos, de uma rica variedade de plantas e animais, de solos férteis, de águas puras e de ar limpo.

Preâmbulo: Terra, Nosso Lar.- O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas.

Princípio 7: Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

Princípio 10: Garantir que as atividades e instituições econômicas de todos os níveis promovem o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.

